

Aquecimento Global - Perigo Extremo

“O que torna o aquecimento global tão sério e tão urgente?... É quase como se tivéssemos acendido um fogo para nos aquecermos e, enquanto empilhamos a lenha, não percebêssemos que o fogo já fugiu ao controle e incendiou a mobília. E quando isso acontece resta pouco tempo para apagar o fogo. O aquecimento global é como um incêndio, está se espalhando e quase não resta mais tempo para fazer alguma coisa”. James Lovelock, - 2004.

Tim Flannery, autor de **Os Senhores do Clima**, demonstra em seu livro de uma maneira clara e objetiva como o homem está alterando as condições climáticas e o que isso significa para o futuro do planeta:

Os pesquisadores do Centro Hadley falam do “comprometimento físico com a mudança climática”. *Climate change: an australian guide to the science and otencial impact*, B. Pittock. Isso se refere ao fato de que o **impacto total** dos gases do efeito estufa que já se encontram na atmosfera só será sentido totalmente em 2050.

A implicação disso é que, se as emissões desses gases parassem imediatamente, a Terra atingiria um **novo estado estável**, com um novo clima, só em 2050. E, como não temos meios de tirar os gases do efeito estufa da atmosfera, esse período de cinco décadas de "ajustamento" é um verdadeiro comprometimento físico devido à longa vida do CO₂ na atmosfera.

Grande parte do CO₂ liberado quando nossas bisavós acendiam seus fogões a lenha, continua a aquecer o nosso planeta hoje em dia. Contudo, a maior parte dos danos começou a ser provocada desde a Revolução Industrial e agravada a partir da década de 1950, com a energia de usinas termoelétricas ineficientes, movidas a carvão. Metade da energia gerada desde a Revolução Industrial foi consumida nos últimos vinte anos.

É fácil condenar a extravagância que levou à situação em que nos encontramos agora, mas precisamos lembrar de que, até recentemente, ninguém tinha a menor idéia de que as emissões da descarga dos carros, (combustíveis fósseis) ou que a energia consumida por eletrodomésticos, teriam impactos sobre nossos filhos e netos.

Hoje tais fatos é mais evidente para todos. Nas nações desenvolvidas as pessoas são, em média, três vezes mais abastadas do que os seus pais foram no mesmo estágio de suas vidas, e podemos portanto, presumir o custo de uma mudança de hábitos.

Uma demanda insaciável pelo uso de ar condicionado para refrescar o ambiente é até considerado normal quando o calor é insuportável. No entanto, pode surgir uma situação em que, ao refrigerar nossas casas, acabemos por cozinhar o planeta.

Uma olhada mais minuciosa na inércia dos sistemas climáticos terrestres é necessária para entender o que de fato significa o nosso "comprometimento". A **atmosfera, a superfície da terra e os oceanos** respondem em ritmos diferentes ao aumento dos gases do efeito estufa.

Em 2002 a superfície do nosso planeta, como um todo, encontrava 0,8°C acima dos níveis pré-industriais. Conforme dados colhidos pelos satélites, a superfície terrestre estava 1,2°C mais quente e a troposfera entre 1 e 8 quilômetros acima de nossas cabeças estava 0,25°C mais quente do que a média nos vinte anos precedentes.

Partes diferentes do sistema terrestre variam em sua reação ao aquecimento, e a distribuição do calor extra é um dos motivos dessa defasagem.

Os cientistas dizem que uma redução **de 70% nas emissões de CO₂** a partir dos níveis de 1990, em meados do século XXI, **é necessária para estabilizar o clima da Terra**.

Isso resultaria em uma atmosfera com 450 ppm (partes por milhão) de CO₂, e o nosso clima global se estabilizando em 2100 com uma temperatura 1,1°C mais alta que a do presente, com algumas regiões chegando a esquentar 5°C.

Os países da Europa falam em cortes drásticos nas emissões. No entanto, a intransigência da indústria do carvão e a política principalmente do governo atual dos Estados Unidos, e Canadá, não assinando o protocolo de Kyoto, inviabilizam alcançar redução da emissão de CO₂ desejada.

Oficialmente o protocolo entrou em vigor em 16 de fevereiro de 2005, depois que a Rússia o ratificou em novembro de 2004. Por ele se propõe um calendário pelo qual os países desenvolvidos têm a obrigação de reduzir a emissão de gases do efeito estufa em, pelo menos, **5,2% em relação aos níveis de 1990 no período entre 2008 e 2012**, chamado de primeiro período de compromisso, isso pode ser inatingível como meta global.

Assim, 5,2 % de redução é irrisório perto dos 70% necessários para estabilizar o clima do planeta.

Quando consideramos o destino do planeta como um todo, não devemos ter ilusões sobre o que está em jogo.

A temperatura média da Terra é em torno de 15°C, e, se permitirmos que ela suba um único grau, ou 3°C, vamos definir o destino de centenas de milhares de espécies, e muito provavelmente de bilhões de pessoas.

Nunca na história da humanidade existiu uma análise de custo-benefício que exigisse tamanho cuidado., para garantir a continuidade da vida no planeta.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental –
rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br